

■ DORA KRAMER

Elisão
Amada *Presidência*
Falsos
vínculos

De vez em quando o senso comum produz umas vin-
dicações tão estranhas na cena política que é de se ima-
ginar a partir de que dados da realidade elas surgem.
Afinal, de onde as pessoas tiram a relação direta que de
quatro em quatro anos se estabelece entre o desempe-
nho da Seleção Brasileira na Copa do Mundo e o suces-
so ou fracasso do governo em curso?

Talvez do mesmo lugar de onde se tira agora a regra
segundo a qual do desempenho dos partidos nas elei-
ções municipais depende o sucesso ou o fracasso de
seus candidatos à Presidência da República em 2002.
Da mesma forma como no exemplo anterior parte-se
do pressuposto de que o cidadão não sabe diferenciar
um jogador de futebol de um presidente da República,
nestas eleições municipais o princípio é o de que o
leitor confunde demandas locais com anseios gerais e
necessidades nacionais.

Outra premissa falsa que embasa essas convicções é
que seja eterno o prazo de validade dos entusiasmos e
das decepções populares.

Senão vejamos, logo para citar o exemplo mais re-
cente e emblemático: o que se dizia a respeito do des-
tino de Paulo Maluf durante a campanha eleitoral para
a Prefeitura de São Paulo em 1996? Que se ele conse-
guisse eleger Celso Pitta seria candidato fortíssimo à
eleição presidencial de 1998, capaz mesmo de derrotar
as pretensões reeletivas de Fernando Henrique Cardo-
so.

Maluf não foi candidato a presidente, perdeu a dis-
puta para o governo de São Paulo e agora hesita em
concorrer à prefeitura com medo de uma derrota. Com
chances altíssimas, têm avisado os amigos. E o quadro
nefasto foi construído por quem? Justamente pela ad-
ministração daquele que se dizia seria a mola propulso-
ra em direção ao poder central. Mola foi mesmo, mas
em rumo inverso.

E essa mesma inversão de expectativas poderia
acontecer com qualquer um dos partidos que porventu-
ra viesse, em outubro próximo, a eleger quantidade
enorme de prefeitos em grandes cidades, não fossem as
circunstâncias do pluripartidarismo. Com ele, e diante
da inexistência de um partido que galvanize as emo-
ções, são absolutamente impossíveis desempenhos in-
dividuais estrondosos.

Nem estamos mais na era Médici – modelo ainda
usado trinta anos passados para sustentar a tolice sobre
os efeitos políticos de derrotas ou vitórias no futebol –
nem vivemos mais sob o bipartidarismo de 1974, quan-
do o MDB abalou os alicerces da ditadura ao eleger
uma surpreendente quantidade de senadores. Não te-
mos também mais um Plano Cruzado que, em 1986,
permitiu ao PMDB conquistar todos os governos dos
estados, à exceção de Sergipe.

E, mesmo nesses exemplos os fatores não tiveram a
propriedade de se estender por si só aos efeitos das
eleições seguintes. No regime militar a oposição estava
amalgamada em torno do inimigo comum.

Hoje essa figura desapareceu, até porque parte da-
quela oposição é hoje poder e faz as vezes de inimigo.
Nem sempre comum, além de tudo.

Os benefícios ou malefícios que a participação nas
eleições rende são sobre os partidos, sua máquina, or-
ganização e representação. Mas não criam um efeito
vinculante nas candidaturas às eleições seguintes.

Se máquina partidária e quantidade de representação
elessem presidente da República, o PMDB e o PFL
não teriam com o que se preocupar.

O máximo de proveito que candidatos presiden-
ciais postos desde já poderiam tirar é a exposição de
seus nomes durante as campanhas dos candidatos a
prefeito aliados. Mas, ainda assim, os possíveis bônus
estariam muito mais ligados à empatia que cada um
conseguisse junto ao eleitorado, do que ao resultado
propriamente dito.

Serra candidato

Na avaliação do ministro da Saúde, José Serra, só os
adversários têm interesse em fazer circular agora seu
nome como candidato forte à sucessão de Fernando
Henrique. Serra, que no máximo admite o desejo de
disputar o governo de São Paulo, acha que a atual on-
da em torno dele é produto da mais pura e objetiva
queimação.

Não que o ministro tenha exatamente ojeriza ao pro-
jeto de vir a se candidatar ao Planalto. Mas sabe que
primeiro precisa completar a gestão na Saúde com os
mesmos altos índices de aprovação que tem hoje. Só
uma situação assim de fato faria vencer as resistências
que existem no PSDB a ele.

Mas se surge agora, dois anos antes, como candida-
to, vira alvo fácil. Inclusive dos adversários dentro do
Congresso que poderão dificultar a aprovação de proje-
tos de interesse do ministério. Justamente para que sua
gestão não seja tão bem sucedida.

Por essas e por outras é que Serra não ficaria surpre-
so se o comitê de divulgação de sua candidatura agora
estivesse funcionando na sede do PFL.

JORNAL DO BRASIL

24 JAN 2000